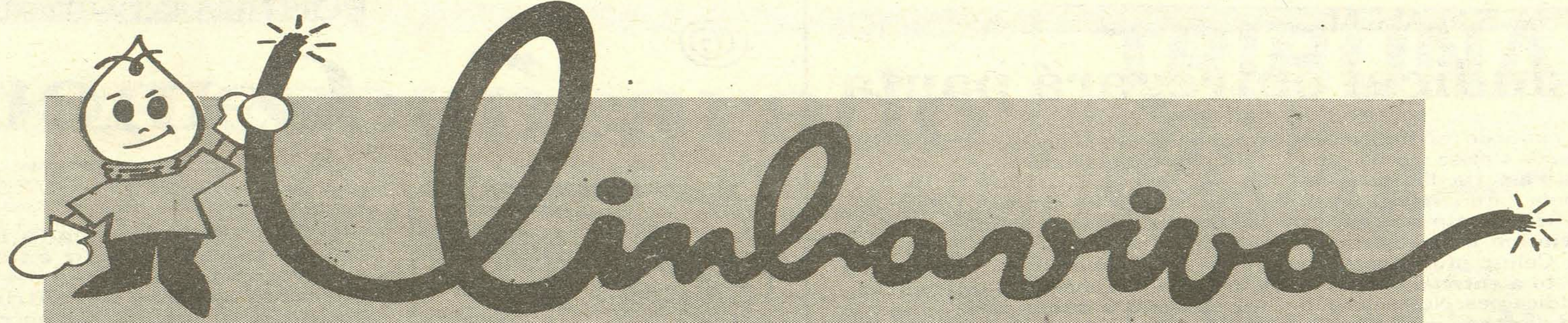




Intersindical dos Eletricitários SC

03/08/90 N: 104

Sistema Elétrico está parado em todo Brasil

O TST — Tribunal Superior do Trabalho, marcou para o dia 7 de agosto uma reunião de conciliação entre os eletricitários em greve e a Eletrobrás. Nesta reunião, os juízes devem apresentar uma proposta de conciliação. Para o Comando Nacional dos Eletricitários, esta é mais uma instância de negociações, e ele vai se empenhar para que o impasse seja resolvido nesta reunião, embora as experiências de outras greves não sejam positivas.

A Assessoria Jurídica dos sindicatos esclarece que a Eletrobrás não pediu a antecipação do dissídio, como foi noticiado, solicitou apenas o julgamento da abusividade da greve e o pedido de reposição.

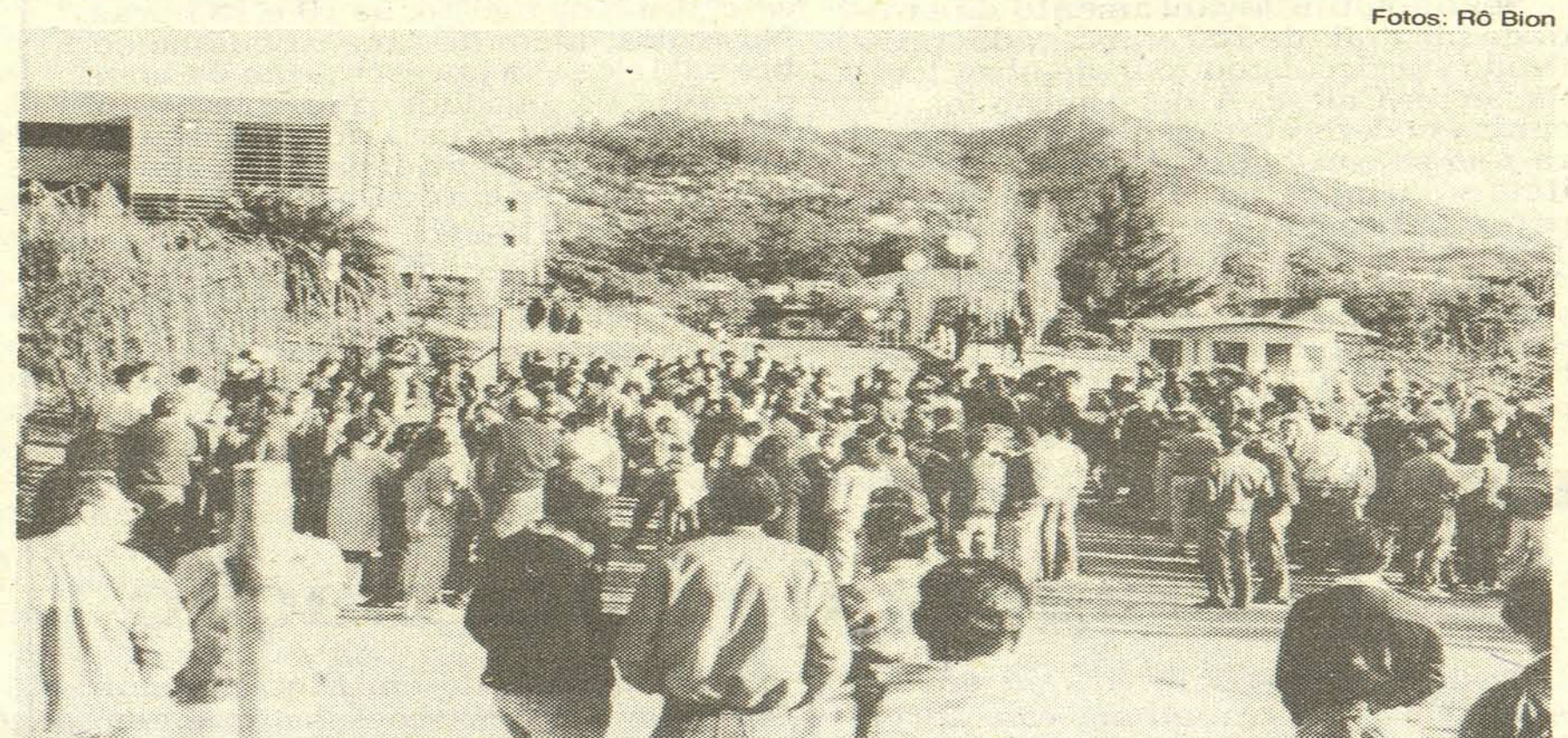
A greve nacional dos eletricitários é um fato singular na história da categoria. Além de ser o primeiro movimento deflagrado conjuntamente, já no primeiro dia a adesão em todo país passou de 90%. Desde o dia 31 cerca de 100 mil eletricitários estão paralisados em luta pela reposição salarial (veja situação dos salários em matéria nesta pá-

gina).

Conforme a orientação do Comando Nacional dos Eletricitários, que coordena a greve, as instalações dos setores de produção das empresas estão ocupadas pelos trabalhadores.

Na avaliação do comando nacional, "este movimento mostra ao governo que não se deve brincar com a dignidade de uma categoria, desrespeitando acordos. É uma resposta efetiva dos trabalhadores também a política de recessão e arrocho salarial". Para os dirigentes da Intersul — Intersindical dos Eletricitários do Sul do Brasil, "o problema agora é político, pois há o reconhecimento das perdas salariais por parte das empresas, da Eletrobras e do próprio Ministério da Infra-Estrutura, mas o governo quer bancar de qualquer jeito a sua política nefasta, punindo especialmente os empregados das estatais".

Na Eletrosul, a adesão à greve repete os altos percentuais de outros movimentos, com participação total em todas as áreas.



Fotos: Rô Bion

Na sede a mobilização é total

Um dos destaques da greve é o ágil sistema de comunicação que foi montado pelo comando nacional, que está permitindo que todos os grevistas de to-

das as empresas recebam diariamente informações atualizadas sobre a situação do movimento em cada empresa e em cada região.

PODER AQUISITIVO

Dieese analisa decadência salarial

A análise da distribuição salarial dos empregados da Eletrosul, feita em julho, pela Subseção do Dieese dos eletricitários conseguiu enriquecer com muitos detalhes a histó-

ria da decadência do poder aquisitivo desses trabalhadores. Não era objetivo do estudo detectar o início do arrocho, mas uma das conclusões do Dieese é que o salário atual é o menor já pago desde novembro de 1985. Isso porque os dados da análise remontam só até a 85, mas certamente é o menor da história da empresa.

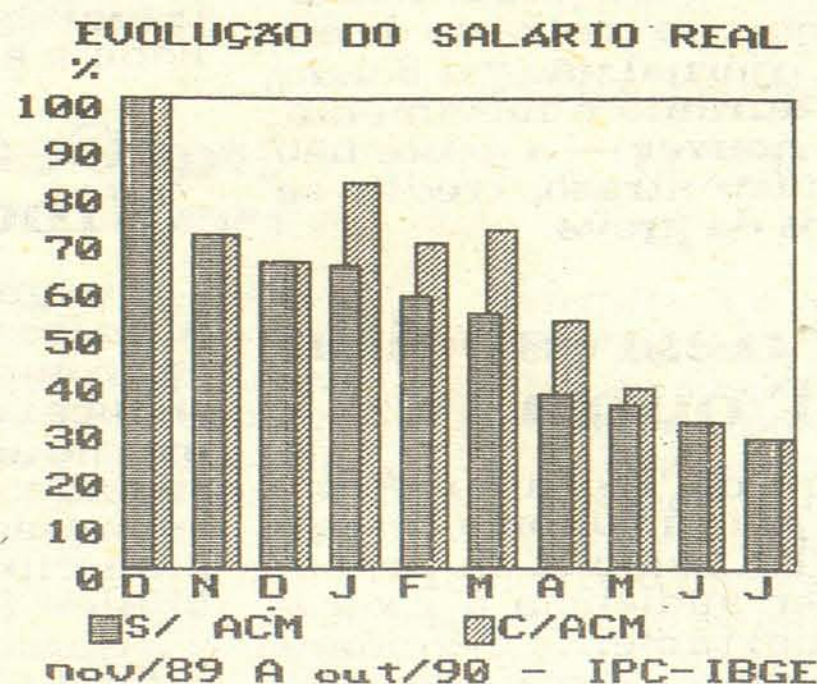
Mas não é preciso ir tão longe. A comparação do salário pago na última data-base com o salário de julho desse ano já mostra muito declínio do poder de compra. Em novembro de 1989, o salário médio da Eletrosul comprava 215 cestas-básicas do Dieese, e eram 612 os empregados que ganhavam menos que o salário mínimo do órgão. Em julho deste ano, o salário médio compra 11 cestas-básicas e 3.450 empregados ganham menos que o salário mínimo necessário do Dieese (em julho ele valia Cr\$ 38.596,00). Nesse período o salário mínimo aumentou 50,24% mais que os salários da empresa.

O arrocho produziu também mais concentração de renda. Hoje na Eletrosul, 90% dos

empregados, cerca de 5.090 pessoas, ficam com 76% da massa salarial, enquanto os 541 restantes, abocanham 23% da massa salarial.

Na última data-base somente 1,9% dos empregados ganhavam até cinco salários mínimos oficiais. No mês passado essa porcentagem ficou em 22,2%. Outro dado revoltante é o valor do menor salário da Eletrosul. Em novembro de 89 ele equivalia a 4,64 salários mínimos oficiais, em julho de 90 ele soma apenas 3,09 salários mínimos. Na outra ponta o maior salário pago na empresa, conforme listagem da Taxa de Reversão, estabelecida no Acordo Coletivo 89/90, foi no mês passado Cr\$ 135.411,93.

Segundo o economista da Subseção do Dieese, Clóvis Sherer, esse tipo de degradação dos salários está sendo utilizada como forma de não só manter como aumentar a margem de lucro dos grupos dominantes. "É uma nova tentativa de solucionar a crise brasileira, do ponto de vista do capital". Por isso houve uma queda de um terço do poder de compra dos empregados da Eletrosul, desde 85.



Quem está na greve

Eletrosul
Eletrobrás
Eletronorte
Chesf
Furnas
Light
CEB
Escelsa
Nuclen
Cepel

Intersindical entregará pauta

Assim que a pauta de reivindicações dos empregados da Celesc recebeu sua versão final na Plenária de Itajaí, ela foi montada pela Intersindical. Com a pauta definitivamente pronta, os Sindicatos enviaram uma correspondência para a Celesc propondo para o dia 2 de agosto a entrega da pauta única de reivindicações. Neste mesmo encontro com a diretoria da Empresa, a Intersindical pretende acertar um

calendário de negociações para esta Campanha Salarial.

Até o dia 1º de agosto a Celesc não havia confirmado a reunião do dia 2, mas a Campanha Salarial não vai atrasar por causa disso. Mesmo que a resposta não chegue, a Intersindical vai entregar a pauta para a direção da Empresa na tarde do dia 2 de agosto.

CELESC

Contratados aguardam dissídio

"É fundamental a participação dos Empregados em Empresas contratados pela Celesc na Campanha Salarial do Sindicato em Empresas de Asseio e Conservação, que tem data-base em maio". Esse foi o alerta feito pelo secretário da Intersindical, Arno Veiga Cugnier.

Segundo um levantamento da entidade são mais de 700 empregados prestando serviço como mão-de-obra locada, só na Celesc. A negociação foi iniciada em dezembro de 89, mas até agora não se conseguiu acordar nenhum item salarial. Aliás, os empregados esperam reposições, que ainda rolam na Justiça, da data-base do ano passado. Ao todo as perdas superam os 5.000%, segundo informação do secretário do Sindicato, Manoel Raulino de Souza. Para se ter uma idéia do arrocho vivido pela categoria, Raulino lembra que

nesse mês o piso da categoria ficou abaixo do salário mínimo. "Então eles tiveram que aumentar o salário".

O Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio e Conservação estão distribuindo um panfleto chamando todos os contratados da Celesc a participarem de uma reunião na Fecesc, dia 6 de agosto, às 10 e 18 horas. Na pauta, além de uma discussão sobre salários, e a apresentação da nova diretoria da entidade, que assume em setembro, mas já está acompanhando o andamento da entidade. Para agosto eles aguardam o julgamento do dissídio da categoria.

Enquanto isso os contratados da Celesc que estiverem interessados em encaminhar ação de reconhecimento de vínculo empregatício, devem procurar o Sindicato dos Eletricitários da sua região.

EDITORIAL

A sabotagem de informação

Basta que eletricitários ou outras categorias que trabalham com serviços públicos falem em greve para que uma palavra passe ser insistentemente repetida: sabotagem. Alguns veículos da grande imprensa não se cansam de tentar atribuir aos grevistas a responsabilidade pelos mais diversos problemas — sempre com uma acusação velada.

O jornal *Diário Catarinense*, do grupo RBS, no entanto, foi além das insinuações e acusou os eletricitários de criminosos. "Os eletricitários extrapolaram seus direitos ao comprometer vidas em hospitais... A atitude desumana e criminosa dos grevistas, achando-se no direito de sabotar o fornecimento de energia, não pode ser ignorado", disse *DC* na página dois no dia 30 de julho.

O *DC* errou, aliás como seguidas vezes a RBS tem "errado" na cobertura de greves e movimentos dos trabalhadores. O erro é acusar sem ter como provar, incriminar sem que haja comprovação sequer da existência de um crime. Mas o jornal acusou — deliberadamente.

E quando se fala em Eletrosul, então, além das acusações, sempre vem a referência há "salários milionários". Coisa que só quem não conhece os níveis salariais da empresa pode dizer. Ou quem paga para os seus repórteres pouco mais de 11 mil cruzeiros, como a RBS.

Acontece que as pessoas — a sociedade — não aceita passivamente as "informações" de certos veículos de comunicação. Pelo Brasil afora, é comum que manifestantes ataquem viaturas de algumas redes e repitam refrões do tipo "o povo não é bobo, fora Rede Globo". A sociedade se insurge contra a pior das sabotagens: a sonegação e distorção da informação.

Até quando os "senhores" proprietários de monopólios de comunicação vão transmitir por suas páginas e antenas a "realidade" que mais lhes agrada? Até quando será permitida a calúnia e a mentira impunemente? Que interesse nutrem tamanha fúria contra os eletricitários ou eventuais grevistas? Até quando os brasileiros vão conviver com a usurpação dos veículos de comunicação?

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricitários de Santa Catarina que tem 7500 exemplares. Diretor Responsável: Glauco Marques. Editores: Gastão Cassel (DRT RS 6166) e Rosângela Bion (DRT SC1019). Diagramação: Vera Rotta. Ilustração: Franck Maia. Im-

pressão: Gráfica do jornal **O Estado**. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 21, Fpolis-SC, fone: (048) 22-3666, telex: 481555. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

POLÍTICA INDUSTRIAL

O mercado está escancarado

Valdir Cachoeira
Free lancer para o LV

Desde 1808 o mercado brasileiro não estava tão aberto ao exterior. Carros, roupas, comidas e outros produtos importados já estão nas vitrines. Mas para onde vai o parque industrial e a economia brasileira? Isso já ocorreu na Argentina, e foi um desastre.

Na onda da perestroika russa, e da democratização do Leste europeu, o governo brasileiro abre seu mercado de forma sem precedentes na história, só comparada a abertura dos portos de 1808, patrocinada por D. João VI. É certo que a economia nacional precisa se modernizar, mas é certo também que a estrutura interna não está preparada para tanto, haja visto que os investimentos empreendidos no país nos últimos anos não passaram da média dos 17% do PIB (Produto Interno Bruto), e a participação da massa salarial no cálculo ficou estagnada. Inadmissível para uma Nação que se lança à modernidade.

Na verdade, a nova política industrial - leia-se política comercial - como os próprios técnicos do governo reconhecem, é um capítulo a mais no projeto privatizante do presidente Fernando Collor de Mello. Até o final do mandato, o governo pretende liberar definitivamente a economia, incluindo

do a transferência para a iniciativa privada de setores estratégicos como o de telecomunicações, da indústria petroquímica e o sistema portuário. Tudo em nome da melhoria da qualidade e da competitividade dos produtos nacionais. Desde o início da segunda quinzena do mês passado, os principais centros do país já estavam sentindo os primeiros reflexos nas medidas anunciadas no dia 27 de junho pelo presidente, mas com a abertura do mercado ao comércio exterior, através da redução das tarifas aduaneiras, o cancelamento da proibição das importações e a extinção da Cacex, órgão responsável pela entrada de produtos estrangeiros no país. Quinze dias depois alguns grandes magazines de São Paulo e Rio de Janeiro já exibiam produtos sofisticados vindos do além-mar.

Em Santa Catarina, por enquanto nada mudou ainda. E, na verdade, pouco se sabe que efeitos as novas medidas podem trazer. Uma coisa é certa, não adianta ter um mercado aberto, com a possibilidade dos preços baixarem, se o país perder a sua soberania como aconteceu com Argentina. Na época do governo militar do coronel Jorge Videla, a Argentina abriu seu mercado, e ao invés de crescimento interno houve a estagnação total da indústria com reflexos sentidos até hoje. Além disso, nenhum país do mundo tem um mercado totalmente aberto. Até as nações mais desenvolvidas reservam para si a produção em setores estratégicos.

Silvio Cário, professor do Departamento de Ciências Econômicas da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), lembra que estava posto para os formuladores do plano a necessidade de reformular as condições pelas quais estavam sendo desenvolvidas as relações capitalistas no país. Entre os pontos relacionados pelo professor está a impossibilidade de fazer uma política industrial

sem estar atrelada ao desenvolvimento de uma política social, pois ela aumentará os desníveis (problemas de saúde, educação, emprego), além de não alterar a estrutura de capacitação tecnológica interna (recursos para pesquisa e novos institutos).

Já o setor empresarial do estado está otimista e espera já no início do ano que vem desfrutar dos benefícios da nova política, basicamente através da importação de máquinas e equipamentos que possam consolidar a posição de Santa Catarina entre os grandes polos industriais do país. Para o presidente do Centro do Comércio Exterior do Estado de Santa Catarina, Henrique Malta, não existe risco nenhum da indústria brasileira resvalar num sucateamento em massa. "Era o que a gente sempre queria. Nenhum empresário vai trocar o ramo da produção pelo simples comércio como aconteceu na Argentina", garante. Segundo ele, a política vai dar condições de aumentar a produção nacional, porque mais do que produtos devem ser importadas tecnologias.

Malta lembra que a política industrial ainda está em fase de implantação, e que alguns ajustes deverão ser feitos para garantir o seu sucesso. Entre as incorreções existentes, ele aponta as que atingiram a indústria têxtil, que já provocou muita reclamação do setor. "O governo liberou a importação de fios, mas não liberou matérias-primas como tinturas", diz acrescentando que foi facilitado o comércio final, mas que continuou controlado o meio que é a base do processo. O presidente do Centro de exportação também acha que o micro e pequeno empresário também não vai ser prejudicado. Ele acha que a saída para este ramo da produção vai ser "achar parceiros internacionais, e também o uso da abertura para adquirir novas tecnologias.

Para o professor Silvio Cário, no entanto, a política já apresenta distorções na sua concepção. "Não é possível vincular política industrial à política de comércio exterior. O correto deve ser o contrário", dispara. Ele acha que setores estratégicos da indústria precisam estar protegidos, porque em determinados casos a competitividade pode levar ao desaparecimento destes segmentos. E, por último, ele acha que sem uma definição clara e objetiva do tratamento da crise financeira internacional, a qual o país está submetido, não existe possibilidade de sustentar tal política.

de perdas salariais. Eles reivindicam o cumprimento das cláusulas do acordo coletivo de 89, reajuste de 84,32% a partir de julho, 10 mil de abono corrigido mensalmente e ganho real. Calcula-se que a perda da categoria supera os 200%. O piso dos mineiros em julho foi e Cr\$ 13.600,00.

Juiz acha "risível" argumento da Celesc

Durante as negociações com a Celesc em 88, um dirigente do Sindicato foi suspenso por 15 dias por "incitar os aposentados a greve". O departamento jurídico do sindicato acionou a justiça para buscar os direitos do sindicalista e, recentemente o processo foi julgado, garantindo o pagamento de todos os direitos ao empregado. Disse o juiz: "A suspensão não tem razão de ser. Sua fundamentação seria risível,

senta os rurais é a Contag — (Confederação dos Trabalhadores da Agricultura). O fato ocorreu no último dia 25, e o objetivo dos sindicalistas era encaminhar ao Ministro as resoluções do Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais da CUT. Conforme a Central, a maioria absoluta dos sindicatos de trabalhadores rurais do país é filiada a ela.

Cerca de 12 mil Mineiros em greve

Dirigentes dos Sindicatos dos Mineiros da Região de Criciúma vão comparecer à reunião da Intersindical do dia 2 para discutir formas de ação em comum e de solidariedade. Em Santa Catarina 10 empresas do setor carbonífero nos municípios de Criciúma, Lauro Müller, Siderópolis, Forquilha e Urussanga estão em greve desde o dia 30. São ao todo 12 mil trabalhadores em greve pela reposição

Linha Viva vai circular na greve

O enorme volume de tarefas que a greve joga sobre o Departamento de Imprensa fez com que este *Linha Viva* saísse atrasado, na sexta-feira. No entanto, a Intersindical decidiu que, ao contrário de outras greves, o jornal não vai deixar de circular durante o movimento. Portanto se houver — a gente não deseja — outro atraso, credite-se aos atropelos da greve.

Magri desrespeita a CUT outra vez

O Ministro do Trabalho, Antônio Rogério Magri voltou a desrespeitar a CUT. Desta vez ele negou-se a conceder audiência à Executiva do Departamento Nacional dos Trabalhadores Rurais da entidade, afirmando que quem repre-



TRIBUNA Livre

Mauri Antônio da Silva
Diretor do Sind. Bancários Fpolis

O Plano Collor e as lutas populares

Os trabalhadores conscientes e organizados sabem que o Plano Collor fracassou. A exemplo das políticas econômicas da ditadura militar e do governo Sarney, também, o Plano Collor, baseou-se na tese monetarista, que afirma que a inflação decorre do excesso de moeda em circulação na economia. A solução, portanto, segundo os tenocratas de plantão, de acordo com esta tese, é o enxugamento da liquidez. Zélia e sua equipe represaram a liquidez, via confisco da poupança, dos ativos financeiros e congelando os salários. As medidas econômicas impostas à nação, ao arripio da Constituição em vigor, provocaram uma enorme concentração de renda em favor dos grandes capitalistas que controlam a economia brasileira e um brutal arrocho salarial.

Passados os primeiros 100 dias, os sacrifícios decorrentes do Plano como sempre, se sustentam nas costas dos trabalhadores, através de demissões e redução de seu poder aquisitivo. Com relação à liquidez represada, mais de dois terços já foram liberados para o empresariado nacional e internacional, e a inflação já está voltando com muita força.

As elites brasileiras vão bem, obrigado. O Bradesco, maior banco privado do país apresentou um lucro líquido de 5,7 bilhões de cruzeiros no primeiro semestre do ano. Enquanto isto a situação salarial de seus funcionários está ainda mais injusta.

Diante do fracasso, o governo aponta a recessão como saída para o controle da inflação, edita a MP 193 que arrocha salários e se contrapõe ao estabelecimento de uma política salarial que reajuste os salários mensalmente pela inflação medida pelo IPC e inicia a abertura da economia brasileira, através de uma política industrial entreguista, que tira qualquer tipo de controle nacional sobre os rumos da já devastada economia brasileira.

Os Sindicatos e a sociedade civil organizada precisam apontar alternativas para a solução da crise da nossa economia, que passam pela discussão de uma política anti-inflacionária que imponha sacrifício aos grandes capitalistas; de uma política econômica que incentive o desenvolvimento da economia nacional e que liquide os favores do Estado aos oligopólios, de uma política educacional que liberte o povo trabalhador da ignorância cultural; de uma política de democratização dos meios de comunicação; de uma política salarial que valorize a força de trabalho; e de uma política de fortalecimento das estatais, para viabilizarmos uma alternativa de poder anti-imperialista, voltada para os interesses nacionais e populares. Se somarmos as forças de resistência e lutarmos, estaremos abrindo os caminhos para a libertação do povo brasileiro, caso contrário viraremos sucata.

A Tribuna Livre é um espaço aberto. As matérias, devem ser remetidas para a redação, assinadas, datilografadas, e nunca com mais de 40 linhas de 70 toques. A publicação ficará a critério dos editores.



Dick Tracy: mais que uma aventura, um espetáculo



Taciana Janning Xavier
Especial para o LV

O detetive durão sai dos quadrinhos com a sua capa amarela e invade as telas apoiado por um marketing milionário. Mas não há retina ou preconceito que não reconheça a beleza da produção do filme de Warren Beatty.

Dick Tracy é um bom filme. Apenas isso. É elegante, tem estilo e um elenco homogêneo e respeitável. A curiosidade de assisti-lo — alimentada pela divulgação — se torna maior do que a vontade de ver um herói de quadrinhos nas telas. Isso porque é mínimo o número de pessoas que já conhecia Tracy. Ele jamais foi tão popular como Batman, ou tão amado como os Jetsons (que vão estreiar logo nos EUA). Não chega a ser um filme empolgante. É bem tratado, mas não faz torcer como Indiana Jones, nem gruda as pessoas nas cadeiras como a revisão da velha e conhecida estória do homem-morcego. Comparações à parte, o moço de chapéu e capa amarela pode ser esquecido assim que se dobra a primeira esquina depois da saída do cinema.

Mas enquanto as luzes estão apagadas, podemos nos deliciar com Madonna, as músicas, a fotografia, o guarda-roupa, a cenografia, os vilões e Roger Rabbit. O coelho aparece num curta antes do filme — estratégia dos estúdios Disney — e dá um espetáculo divertido. As confusões acontecem num parque de diversões, no melhor estilo "cartoon", e são hilárias.

Já no filme o cuidadoso trabalho do trio diretor de arte (Richard Sylbert), diretor de fotografia (Vitorio Storato) e a figurinista (Milena Carrosero) é primoroso. Os três resolveram trabalhar apenas com seis cores: azul, amarelo, vermelho (cores básicas), laranja, verde e violeta (cores secundárias), além do branco e do preto. As cores são imutáveis, todos os amarelos têm o mesmo tom, seja numa capa ou em um carro. Tudo remete aos quadrinhos. Desde cor até objetos de cena. Todos são colocados em função da ação

de cada personagem, nada de coisas sobrando. Exemplo: a casa de Tracy. Mesa, sofá, cabine para chapéus... Não existem besteiras colocadas para fazer volume. Alguém já viu uma história em quadrinhos com cristais em cima de uma mesa de canto?

Tudo combinando propositalmente. O abajur no escritório do detetive é verde como a prancha de papel. A persiana é vermelha como a gravata. As canetas são pretas como o colete, e assim por diante, o filme inteiro. Há também detalhes dos letreiros do comércio. Uma sorveteria é apenas "sorveteria". Da mesma forma que lanchonete é só "lanchonete" e o leite não tem marca, é exclusivamente "leite". O objetivo é alcançado. Os

cenários são cenários, não existe o naturalismo do cinema nosso de cada dia, apenas a estilização de tudo. A lua é sempre cheia, o navio no cais é apenas um desenho e qualquer um percebe que a ação se passa em estúdios, tudo anuncia "Isso não é real. É um filme."

A fotografia é expressionista (realça a expressão, o conflito, num jogo de luz e sombra), os vilões têm aquela cara que todo mundo imagina para vilões. Eles são física e moralmente feios, repugnantes. Al Pacino como Big Boy é uma farsa e tanto. Madonna é um caso especial. Sensual, provocante, vítima apaixonada que cai no mundo do crime.



Madonna, como Breathless dá um show de sensualidade

Cantando (os três discos da trilha são imperdíveis) enquanto acontecem brigas e invasões no clube é o deboche em pessoa.

Os mocinhos... não poderiam ser mais mocinhos. A namorada de Dick (Tess Truheart muito bem interpretada por Glenn Headley) é a própria abnegação. O garoto (The Kid em inglês), é o mesmo bonitinho abandonado numa alusão ao criado por Charles Chaplin, e Warren Beatty é o perfeito Dick Tracy ("apenas um cara bonito"), homem da lei e de princípios, meio burro, criado por Chester Gould em 1931.

Quanto aos lucros, eles acertaram de novo. O investimento foi mínimo (fala-se em 45 milhões de dólares) diante da bilheteria e marketing milionários (só nos EUA e Canadá o filme rendeu 82 milhões de dólares nas primeiras quatro semanas). Do marketing não há nem necessidade de se fazer comentários. Qualquer um que anda pelas ruas vê camisetas, brinquedos e cacarecos com a marca Dick Tracy. E espera-se mais: vem aí gravatas e lingerie. No Brasil, a Prada produziu 36 milhões de chapéus para venda na época do filme.

Matando a curiosidade daqueles que nunca leram as tiras do detetive, aí vai um pouco da vida de Tracy. Ele se casa com a namorada Tess em 1949, adota o garoto que escolheu para si o nome de Dick Tracy Jr., também se torna o pai de Bonny em 51 e em 63 se torna avô. Avô dos filhos de Jr. com uma extraterrestre, linda, de orelhas pontudas e chifrinhos de lesma. Os netinhos? Bem parecidos com a nora. Projetos de continuação do filme já estão em andamento. Quem sabe não veremos essa família singular em Dick Tracy 5?

Seqüestros: resgatando a miséria

Gastão Cassel
Da equipe Linha Viva

O crime organizado utiliza a miséria proporcionada pela má distribuição da renda para ter uma base de apoio nos morros e favelas. Agora Robin Hood seqüestra e trafica drogas e influência.

A histeria e o estardalhaço em torno das dezenas de seqüestros chegou ao extremo quando o Jornal Nacional cobriu o "seqüestro" do papagaio de um pipoqueiro de uma cidade do interior do Rio de Janeiro. O que parecia uma matéria bem humorada, traz no fundo o sensacionalismo, a imagem de que todos vivem sob a ameaça de gangsters seqüestradores.

Mas a coisa não é bem assim. Na verdade, a ameaça existe, mas para quem tem muito dinheiro — o que não justifica a violência nem a torna menos cruel e desumana. Mas

não é uma ameaça generalizada.

O problema é que a inoperância e ineficiência do Estado no que se refere ao atendimento das necessidades básicas da maioria da população criou as condições objetivas para que o chamado "crime organizado" tenha uma base concreta de apoio. Não é à-toa que a polícia sabe que em tal morro vive tal traficante, mas não consegue pegá-lo no seu "endereço".

A verdade é que as falanges atuam como Robin Hood, bancando escolas, alimentação (até distribuem vales de supermercado), e postos de saúde em favelas. Ou seja, ocupam um espaço que o Estado deixou vago por ter uma política de distribuição de renda que põe milhões na miséria.

Mas esta situação não é privilégio do Brasil. Na América Latina há inúmeros exemplos — narcotráfico é o melhor deles. A contravenção e o crime acabam gerando empregos e "protegendo" os descamisados esquecidos pelo estado. Chega-se ao absurdo do "o maior espetáculo da terra", o carnaval

carioca, ser quase totalmente mantido por bicheiros.

E ainda há que ser dito que a formação das grandes quadrilhas tem muito a ver com o período de repressão institucional. Quem não sabe que o DOPS e o DOI-CODI também seqüestravam com técnicas muito semelhantes às usadas hoje, com a diferença que não havia "resgate"? E tem mais. Há no ar muitas histórias de envolvimento de políticos e figuras de trânsito nos corredores do poder com a bandidagem. E nem se fala no envolvimento de policiais com os crimes.

Não se pode deixar de denunciar o crime organizado e repudiar a prática de seqüestros. O que não pode é fazer um apelo vago à indignação, pois ele cairá no vazio, uma vez que a maioria da população está mais preocupada com a violência da sua própria miséria (que por vezes é amainada pela ação dos bandidos). De nada valerá uma guerra contra seqüestradores se não houver uma guerra contra as chagas sociais das quais se alimentam as falanges.

LINHA

aberta